

Eleições permitem continuidade

Estabilidade política leva empresários a reforçarem aposta no país de José Eduardo dos Santos.

ANTÓNIO DE ALBUQUERQUE
antonio.albuquerque@ecocomm.pt

Para os empresários portugueses as últimas eleições em Angola reforçaram o sentimento de estabilidade no país de José Eduardo dos Santos. E acreditam que, mesmo que o futuro Governo queira proteger as empresas angolanas, estas continuarão a escolher parceiros portugueses. É que o mercado angolano assume, cada vez mais, uma importância crescente para as empresas portuguesas, acrescida com a actual crise das dívidas soberanas que assola a Europa. Hoje, Angola assume-se como uma potência regional no contexto da África Subsariana, convergindo para uma economia de mercado com um rendimento anual per capita da ordem dos 4,5 mil euros. Entre 2005 e 2007 a taxa média de crescimento económico situou-se em cerca de 20% ao ano, o que colocou Angola no topo dos países com maior crescimento a nível mundial. A partir de 2008 com a crise financeira houve apenas um abrandamento do ritmo de crescimento. O investimento tem crescido a uma velocidade assombrosa nos últimos anos, liderado pelos EUA, Reino Unido, China e Portugal. Portugal, que desde sempre tem mantido relações económicas e comerciais fortes com Luanda, mantém uma atitude positiva que se tem traduzido numa média anual de quase mil milhões de euros, tendo em atenção os anos de 2007 até 2011.

Ao nível das empresas portuguesas, a atracção por Angola situa-se em três eixos prioritários: indústria, banca e serviços. As construtoras e as cimenteiras, atentas ao potencial do país, sobretudo a partir do início do processo de paz e da assinatura dos acordos de Luena, em 2002, entraram em força no país. Os bancos também intensificaram a sua presença e fortaleceram os laços que os ligam a investidores angolanos. Mas também as empresas de telecomunicações e as cervejeiras – com a Sagres e a Super Bock a transportarem para aquele país a competição que mantêm em Portugal – rumaram a Angola, assim como os operadores turísticos e os advogados.

A novidade dos últimos anos tem sido o investimento de empresas e empresários angolanos em Portugal. A Sonangol entrou primeiro no capital da Amorim Energia, um dos principais accionistas da Galp, seguindo-se o BCP. Isabel dos Santos participa, através das suas empresas, na Amorim Energia, e no BPI. Os dois partilham o investimento nos bancos portugueses presentes em Angola, desde o Millennium Angola ao BESA, ao BIC e ao BFA. Mais recentemente, a CGD e a Sonangol decidiram criar um banco de fomento para projectos de investimento em Angola. Acresce que Angola tem sido ainda um destino de eleição para muitos quadros portugueses em busca de novas oportunidades. Engenheiros, advogados, economistas, gestores, médicos e outros técnicos têm rumado a Luanda em busca do emprego que teima em escassear em Portugal. ■

INVESTIMENTO

No período compreendido entre 2007 e 2011, o valor médio anual do investimento directo português em Angola ascendeu a 567,2 milhões de euros.

567,2
milhões de euros

Ao nível das empresas portuguesas a atracção por Angola situa-se em três eixos prioritários: indústria, banca e serviços.



OPINIÃO

PEDRO METELLO DE NÁPOLES

Sócio, Angola Desk PLM2

(Mais) um ponto de viragem?

Eleições realizadas, Angola prepara-se para iniciar mais um ciclo. Quais os grandes desafios? Desenvolver a produção nacional e criar uma verdadeira classe média.

Não obstante os vastos recursos de que dispõe – e talvez por causa disso – Angola importa praticamente tudo o que consome. Há neste momento uma preocupação no sentido de inverter essa tendência, atraindo investimento estrangeiro, mas assegurando a participação dos empresários nacionais no processo.

O resultado será, no futuro, mais emprego e o reforço da classe média (actualmente muito identificada com o funcionalismo público). Essa classe média será o motor do consumo da produção nacional e consequentemente do crescimento da economia.

Acompanhadas de uma política cambial que permita reforçar o Kwanzas enquanto divisa e que receba bem o investimento estrangeiro, o que tem sido uma preocupação nos últimos anos, este parece ser inequivocamente o caminho correcto, que permitirá a médio prazo fazer de Angola uma das potências económicas de África.

Os últimos anos foram anos de investimento estrangeiro em Angola e não há dúvidas que, respeitando as regras e objectivos do País, os próximos anos também o poderão ser, queiram os investidores Portugueses.